

Conflitos, Convergências e Crises

Carlos Gaspar

Assessor do Instituto de Defesa Nacional. Investigador do Instituto Português de Relações Internacionais da Universidade Nova de Lisboa. Assessor do Conselho de Administração da Fundação Oriente. Docente Convidado da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Membro do European Council on Foreign Relations. Membro do European China Research and Academic Network. Membro do LSE Ideas Africa International Affairs Program.

Resumo

O conflito, a convergência e a crise caracterizam cada um dos três ciclos sucessivos nas relações entre os Estados Unidos e a China durante os últimos sessenta anos.

O primeiro ciclo foi dominado pelos conflitos entre a China como nova potência comunista, aliada da União Soviética, e os Estados Unidos, principal potência ocidental. O segundo ciclo definiu-se pela convergência, ao mesmo tempo tardia e inesperada, entre Washington e Pequim. O terceiro ciclo ficou marcado pelas crises recorrentes no pós-Guerra Fria.

Os Estados Unidos e a China representam culturas radicalmente diferentes, têm interesses estratégicos divergentes e estão separados por uma profunda heterogeneidade política. Porém, a indiferença nunca teve lugar nas suas relações mesmo quando a lógica da estratégia faria prever o contrário.

No princípio do novo século, a chave da evolução do sistema internacional passou a estar nas suas mãos e tanto Washington, como Pequim, reconhecem as relações bilaterais como a prioridade das respetivas políticas externas.

Abstract

Conflicts, Convergences and Crises

During the last sixty years, conflict, convergence and crisis characterized each of the three successive cycles of the Sino-American relationship.

The first cycle was dominated by the conflict between China, the new communist power, allied to the Soviet Union, and the United States, the major occidental power. The second cycle was defined by convergence, both late and unexpected, between Washington and Beijing. The third cycle was marked by recurrent crises in the post-Cold War.

The United States and China represent radically different cultures, have divergent strategic interests and are separated by a deep political heterogeneity. But indifference never molded the relationship, even when the logic of strategy could predict the opposite.

In these early years of the new century, the key to the evolution of the international system rest in their hands, and both recognize that the main priority of their foreign policies is the bilateral relationship.